

O ADOECIMENTO FÍSICO E MENTAL DE ESTUDANTES DE NACIONALIDADES AFRICANAS NA UNILAB: PERCEPÇÕES SOBRE O ESTADO DE SAÚDE E DOENÇA

Jarciela Pitiandra Lima Correia Sá¹
Carolina Maria Costa Bernardo²

Resumo: O presente artigo, Trabalho de Conclusão do Curso em Enfermagem, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), requisito parcial à obtenção do título de Enfermeira, objetiva compreender o adoecimento físico e mental de estudantes de nacionalidades africanas na Unilab, durante o período do curso. Apresenta-se interesse em saber, como os discentes de nacionalidades africanas se identificam com seus estados de saúde/doença? Quais os fatores relacionados ao seu estado de desequilíbrio da condição de saúde/doença? Que condutas foram utilizadas para lidar com o processo de saúde/doença? A metodologia do estudo possui abordagem qualitativa e o processo da coleta de dados foi feito através do instrumento elaborado de acordo com os problemas da pesquisa, mediante a técnica de preenchimento do formulário online de *google forms*, distribuídos aos 50 participantes. O fator dificuldade de adaptação e Preconceito/Racismo/Xenofobia são que tiveram mais recorrência, portanto, são condições indutoras do processo de adoecimento de estudantes de nacionalidades africanas, contudo, agregados a outros fatores acima citados que estão inclusos no processo adaptativo.

PALAVRAS-CHAVE: Estudantes de nacionalidades africanas na unilab, Processo adaptativo, Adoecimento físico e mental.

INTRODUÇÃO

Segundo Arbués (2020), “Estudantes universitários correm o risco de experimentar estresse, ansiedade e depressão, que causam sofrimento psicológico e podem afetar seu desempenho acadêmico”. O risco, no qual discorre o autor, está relacionado à alta condição de vulnerabilidade induzido por inúmeros fatores pessoais, emocionais, mentais, agregados à rotina universitária, dificuldade de adaptação, falta de sono/repouso e alimentação saudável, competição, preocupação com às expectativas dos familiares, falta de tempo para lazer, preconceito/racismo/xenofobia e outras discriminações por gênero, sexo, classe social.

Os estudantes internacionais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB, oriundos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa-

1 Discente do curso de graduação em enfermagem pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.

2 Orientadora. Doutora em educação pela universidade federal do ceara-UFC e com estagio doutoral sanduiche em Lisboa, Portugal, pela universidade Lusófona de humanidades e tecnologias.

Banca: Dr^a. Edmara Costa Chave; Ma. Peti Mama Gomes e Ma. Zaira Conceição Tavares Pereira.

Data de submissão e aprovação: 31/01/23

PALOP (Angola, Guiné-Bissau, Cabo-verde, Moçambique, São Tomé e Príncipe), relatam as evidências do que afirma o pesquisador e enfermeiro Arbués (2020). A Unilab é uma universidade que possui um aglomerado de estudantes com legados, costumes, hábitos de diferentes culturas, países, territórios, etnias, nacionalidades. Uma de minhas maiores queixas enquanto estudante internacional africana do Curso de Enfermagem desta universidade, localizada no município de Redenção e Acarape, no interior do estado do Ceará, é perceber que ser uma estudante africana guineense no contexto da Unilab comprometeu minha saúde mental e física desde meu ingresso.

Nos primeiros meses como caloura universitária apresentei constante irritabilidade, insônia, dificuldade de concentração, isolamento social, distúrbios intestinais como desconforto e dor abdominal, por vezes, acompanhada de fezes diarreicas e prisão de ventre, problemas dermatológicos severos, como dermatite eritematosa, altas temperaturas cutâneas, manchas avermelhadas na pele que escureceram com o tempo e perda de peso. Meu corpo e meu psicológico evidenciaram o mal-estar que com esta pesquisa eu pretendi entender melhor. Ao chegar em Redenção me deparo com todo um processo de adaptação sociocultural e percebo que recebia um tratamento relacional hostil. Percebo também o olhar preconceituoso e manifestações racistas, xenofóbicas, repletas de estereótipos acerca da minha pessoa e do meu lugar de origem.

Para Silva-Ferreira, Martins-Borges e Willecke (2019), existe uma série de pesquisas que enfatizam que o preconceito racial é um dos fatores de risco para sofrimento psíquico dos estudantes internacionais. Situações como a acima citada, não é incomum na UNILAB, ou na cidade onde a devida instituição está instalada. E muitas vezes, estas ações partem de docentes e discentes dentro da sala de aula. Mas também, por todo o pessoal servidor técnico ou contratado, no trato das relações institucionais. Minha experiência neste curso de enfermagem confirma a falta de acolhimento por parte da maioria dos docentes que parecem não considerar os efeitos negativos e os prejuízos que isto nos causa.

Um dos objetivos do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Enfermagem mais recente (2019) é formar profissionais com qualificação técnica, política e ético-social para o exercício do trabalho em todos os níveis de complexidade da rede de serviços de saúde, no contexto do Brasil e dos países da CPLP. Questionei, durante minha formação, sobre a qualificação ética e política do colegiado do curso, pois, raramente me senti compreendida ética e politicamente pelos profissionais que estão em nossas formações.

Nossas aulas evidenciam um verdadeiro *apartheid*, uma vez que, são segregadas com internacionais de um lado e nacionais do outro. O tratamento discriminatório entre estudantes

privilegia um grupo brasileiro, em detrimento de outro, africano. É nítido, e isto foi me deixando extremamente irritada, a discriminação negativa no tratamento interpessoal, no diálogo, nas provas, nas notas, nas orientações disciplinares, na comunicação estabelecida. Nas disciplinas de estágios, por exemplo, existem procedimentos que estudantes guineenses, são-tomenses, caboverdianos, angolanos, moçambicanos não realizam, pois não são selecionados pelos docentes para viver a experiência da prática. A recorrência deste tratamento, no cotidiano de uma formação, afeta a saúde mental de muitos estudantes, assim como, o processo de aprendizagem e liberdade de expressão, pois, a percepção que tínhamos é de não pertencimento e exclusão dentro da sala de aula, nos seminários, laboratórios de prática e campos de estágios.

Essa discriminação feita a pessoas pretas africanas pode, e deve ser vista pela lupa do racismo e da xenofobia. Por algum motivo, acolhi o sofrimento silenciosamente, assim como outros colegas meus internacionais, e este silenciamento somatizou em doenças físicas e psíquicas. A denúncia do racismo que sofremos raramente é realizada por não acreditarmos que soluções serão tomadas pela instituição. Muitos estudantes têm receio de se posicionar e isso trazer prejuízo à formação e conclusão do curso. Contudo, entre nós, relatamos as nossas experiências com cada docente, discente ou cidadines redencionistas/acarapenses. Importante considerar que “nem todas as maçãs estão estragadas”. Existem docentes que promovem os princípios de igualdade/equidade entre discentes de todas as etnias e nacionalidades dentro desta universidade chamada de integração internacional da lusofonia afro-brasileira, facilitando assim o processo adaptativo e aprendizagem, mas estes posso contá-los em quirodáctilo.

Do ponto de vista de Silva-Ferreira, Martins-Borges e Willecke (2019) é de extrema importância a valorização de processos formativos interculturais para os quadros funcionais da universidade, pois o acolhimento docente facilita a permanência e a aprendizagem efetiva de estudantes internacionais, a reprodução do sentimento de pertencimento, confiança, liberdade de expressão em sala de aula e na busca de ajuda e informações.

De acordo com o grupo supracitado, outro risco à saúde mental dos estudantes internacionais é a ausência de informações, que estes têm, sobre o contexto institucional, cultural e social dos países e das instituições em que serão recebidos, assim como a idealização destes contextos, pois constituem fatores intensificadoras do choque cultural. A minha chegada à cidade de Redenção comprova o acima citado, quando há seis anos, juntamente com alguns amigos de outras nacionalidades, chorei desesperadamente e a partir daquele instante desejei voltar para casa, pois a expectativa criada mentalmente em relação ao Brasil das novelas, foi frustrada e a realidade não é a mesma promovida pela mídia. Por pressão familiar permaneci na

cidade, mas os meus amigos regressaram, pois, além de ter que aturar olhares preconceituosos, xenófobas e racistas sobre nós, diariamente, a precariedade da moradia pesou.

O processo adaptativo foi tortuoso para mim e meu estado de saúde mental e física foi se agravando com o passar dos tempos. A ausência de acolhimento adequado nas instituições de saúde da cidade me impediu de lá voltar, apesar da ineficiência dos fármacos prescritos. Considero um agravante, enquanto discente internacional, adoecer em decorrência do racismo institucional de uma universidade referenciada como “internacional”, e, ao buscar ajuda profissional nos centros de saúde do município, ser vítima, mais uma vez, de violência racista/xenofóbica. Continuei a frequentar as aulas mesmo doente, pois a vontade de terminar o curso de imediato e regressar para casa abrigava os meus pensamentos. Tardamente, depois de procurar ajuda em relação à minha saúde, sem sucesso, na Unilab, nos hospitais da cidade, compreendi que meu quadro se tratava de uma condição mental depressiva, no qual eu mesma precisei procurar solução, uma vez que afeta a minha existência e continuidade na graduação. Recorri à música na época, sem saber que hoje é uma das práticas de medicina integrativa.

Por ser musicista, rapper e compositora, isto me auxiliou na melhora dos sintomas apresentados e promoveu, assim, a minha saúde aos poucos. Discorrendo acerca da minha trajetória enquanto musicista, o despertar desta arte sucedeu-se quando eu tinha sete anos de idade. Desde então, cresce a minha imensa paixão intangível por esta arte, que é um dom despertado por meus e minhas ancestrais africanas, considerada um veículo de auto expressão no continente africano. Para mim, promotora de autonomia, liberdade e bem-estar.

Como afirmam Calamassi e Pomponi (2019, p.283), “Music has always been perceived as having special healing powers in people. The whole history of human civilization shows evidence of connections between music and physical and mental healing².” Com a música eu encontrei conforto para os males que me afligiam desde minha chegada à UNILAB. Sendo que, ela não me foi ofertada pelas instituições de saúde nem de educação. Mas poderia.

Em 2017, foi aprovada no Brasil, a Portaria Nº 849, de práticas integrativas complementares, no qual possui como importância a inclusão de mais de 14 atividades em sua ementa: Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. Tudo no âmbito do sistema único de saúde-SUS, com intuito de promover uma visão ampliada do

²A música sempre foi percebida como tendo poderes especiais de cura nas pessoas. Toda a história da civilização humana mostra evidências de conexões entre música e cura física e mental.

cuidado ao ser humano no processo saúde/doença, principalmente o autocuidado. Sendo assim, “As Medicinas Tradicionais e Complementares são compostas por abordagens de cuidado e recursos terapêuticos que se desenvolveram e possuem um importante papel na saúde global.” (PORTARIA MS, Nº 849 de 2017). A portaria ainda apresenta que “No desenvolvimento humano a música é parte inerente de sua constituição, pois estimula o afeto, a socialização e movimento corporal como expressões de processos saudáveis de vida”.

Na trajetória acadêmica, da formação profissional em Enfermagem, o que vi sobre isso foi no oitavo semestre do curso, na disciplina de Atenção Básica em Saúde da Família, no qual discorria sobre cultura e práticas populares de cuidado e saúde: práticas integrativas e complementares em saúde-PICs, isto anos depois da utilização da música como elemento para melhora do meu processo de adoecimento.

A cada instante que estou com a música esqueço-me dos problemas. O ato de compor, ouvir, e do bater de cada instrumental que ouço, a melodia, harmonia e ritmo que envolve meu ser, o canto que induz a possessão do espírito da liberdade e felicidade, emancipo-me dos problemas, da ansiedade, estresses, preocupações e sinto-me afortunada e inspirada, carregada de fundamento, soberania de expressão. Lembro-me do meu lindo continente africano, como expressamos e celebramos as nossas crenças e culturas através desta arte musical, enrolados de momentos e pessoas especiais. Se a música pode me tirar do estado de adoecimento, e pode ser utilizada como recurso terapêutico, por que não me foi apresentada durante o curso? Sozinha encontrei uma saída e me pergunto que saídas os/as demais estudantes encontraram.

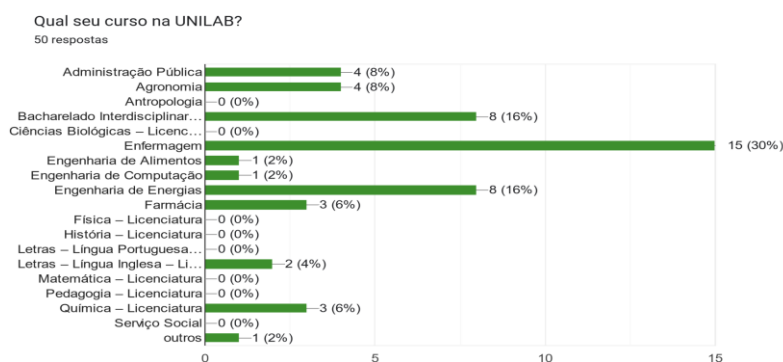
A presente pesquisa possui como objetivo geral: 1) compreender o adoecimento físico e mental de estudantes de nacionalidades africanas na Unilab durante o período do curso; Específicos: 2) identificar a percepção dos discentes de nacionalidades africanas acerca dos seus estados de saúde/doença; 3) investigar as causas relacionadas ao comprometimento do processo saúde/doença; E assim, a partir das respostas sobre os estados de saúde, 4) analisar as condutas empregadas para enfrentamento do estado de doença.

Considero que esta pesquisa tem relevância tanto pessoal quanto social, histórica e científica. Enquanto mulher guineense-africana, atravessada pela categoria raça, gênero e etnia, não posso e nem quero assumir a neutralidade científica porque o olhar neutro tem condicionado a manutenção de privilégios de uma elite branca e a manutenção do racismo na ciência. “Assim, adeptos do pensamento dominante acreditam na neutralidade científica, e fazem desta um dogma. Privilegiam o formalismo científico omitindo os efeitos da dominação social da ciência contemporânea” (MALOMALO, 2005, p.24).

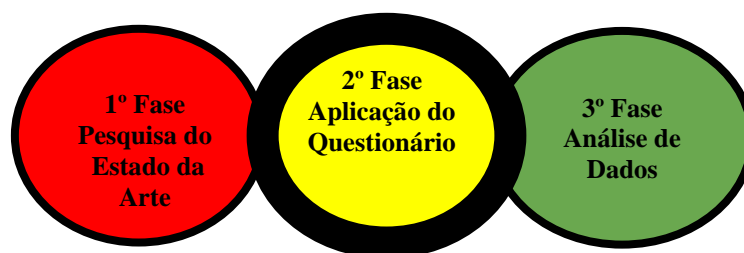
Acredito que minha trajetória enquanto estudante internacional africana, que vivenciou o processo de adoecimento mental na Unilab e na cidade onde esta reside, é o primeiro dado científico para a construção desta pesquisa. Parto da minha experiência para compreender a experiência coletiva. Portanto, apresento interesse em saber, como os discentes de nacionalidades africanas se identificam com seus estados de saúde/doença? Quais os fatores relacionados ao seu estado de desequilíbrio da condição de saúde/doença? Que condutas foram utilizadas para lidar com o processo de saúde/doença?

1.1 Percursos Metodológicos

O caminho metodológico traçado para compreender o adoecimento físico e mental de estudantes de nacionalidades africanas na UNILAB durante o período do curso, incorpora a abordagem mista, qualitativa e quantitativa de um estudo de caso. Qualitativa já que buscou compreender o sentido e significado de estudantes de nacionalidades africanas, sobre seus estados de adoecimento e saúde na trajetória acadêmica e quantitativa pois mensurou os dados por uma amostra de 50 estudantes da Unilab, a partir de suas experiências. O perfil das pessoas que colaboraram com a pesquisa é composto por: nacionalidades angolana (22), cabo-verdiana (03), guineense (10), moçambicana (04), e são-tomense (11); Recém-chegados a veteranos, com tempo de estadia dos seis meses a mais de sete anos, homens (27) 54%, mulheres (22) 44% e pessoas Trans (1) 2%, heterossexuais (45) 90%, bissexuais(2) 4%, pansexuais(2) 4%, discentes dos nove cursos da Unilab:



O estudo de caso se justificou porque isolou e visou entender uma situação específica (o caso de saúde e doença) de um grupo específico (universitárias/os unilabianas/os). A presente pesquisa foi dividida em três etapas.



Na primeira fase, foi realizado o estado da arte, que consistiu na busca dos trabalhos acadêmicos e científicos existentes sobre o tema nos bancos de artigos, teses e dissertações do país: CAPES, GOOGLE ACADÊMICO e UFC, com seguintes descritores: “saúde mental e estudantes africanos no Brasil”, “saúde mental de estudantes de nacionalidades africanas no Brasil” e “estudantes africanos no Brasil”. A tabela abaixo mostra o panorama dos resultados encontrados e do quantitativo selecionado para leitura e análise. Da CAPES foram selecionadas seis (6) pesquisas para leitura primária, no Google Acadêmico foram escolhidos oito (8) para a mesma finalidade e em banco de dados da UFC foi selecionado um (1)³. Após essa primeira apreciação dos artigos foi feita seleção final a partir de critérios de inclusão de cinco (5) artigos para fundamentar a pesquisa e o diálogo sobre a saúde de estudantes universitários provenientes do continente africano e exclusão de 145 trabalhos.

Bancos de Dados	Descritores	Recorte temporal	Resultados	Seleção 1ª leitura	Seleção final
CAPEs	saúde mental e estudantes africanos no Brasil	2018 a 2022	0	0	0
CAPEs	saúde mental de estudantes de nacionalidades africanas no Brasil	2018 a 2022	0	0	0
CAPEs	estudantes africanos no Brasil	2018 a 2022	41	06	02
GOOGLE ACADÊMICO	estudantes africanos no Brasil	2018 a 2022	104	08	03
GOOGLE ACADÊMICO	saúde mental e estudantes africanos no Brasil	2018 a 2022	0	0	0
GOOGLE ACADÊMICO	saúde mental de estudantes de nacionalidades africanas no Brasil	2018 a 2022	0	0	0
UFC	Estudantes africanos	2017 a 2022	05	01	0

³ Disponível em: <https://pergamum.ufc.br/pergamum/biblioteca/index.php>. Acessado em 21 de dezembro de 2022.

Bancos de Dados	Descritores	Recorte temporal	Resultados	Seleção 1ª leitura	Seleção final
UFC	saúde mental e estudantes africanos no Brasil	2018 a 2022	0	0	0
UFC	saúde mental de estudantes de nacionalidades africanas no Brasil	2018 a 2022	0	0	0
UFC	estudantes africanos no Brasil	2018 a 2022	0	0	0

A frente destes cinco artigos selecionados está a seguir, os autores e autoras: Liberato Filho *et al* (2019), cujo pesquisa fala sobre o estudo realizado com estudantes africanas no Ceará Unilab, e como tipo de alimentação, clima, cultura, racismo/preconceito, custo com moradia, acesso aos serviços de saúde, insegurança e violência dificultam o processo adaptativo. As autoras Ocuni Cá e Torres (2020) discorrem acerca da percepção dos estudantes africanos guineenses sobre racismo no contexto Brasileiro e Guiné-Bissau, e como diariamente são lembrados de onde vieram. Mourão e Abrantes (2020) pesquisaram acerca de estudantes africanos dos PALOP em Redenção, Ceará, Brasil, as diferenças sentidas e vividas em relação aos processos identitários, elementos raciais, étnicos e o exercício de poder no mundo contemporâneo. Figueiredo, Horta e Macedo (2021) discorrem sobre a desigualdade sentida na migração de estudantes universitários provenientes do continente africano, a experiência no Brasil, o preconceito vivido e as marcas da migração. Por último, Munoz, Oliveira e Santos (2018) cujo trabalho dialoga sobre experiências de mulheres negras acadêmicas em relação ao preconceito, discriminação racial e estratégias de enfrentamento em uma universidade pública do Brasil.

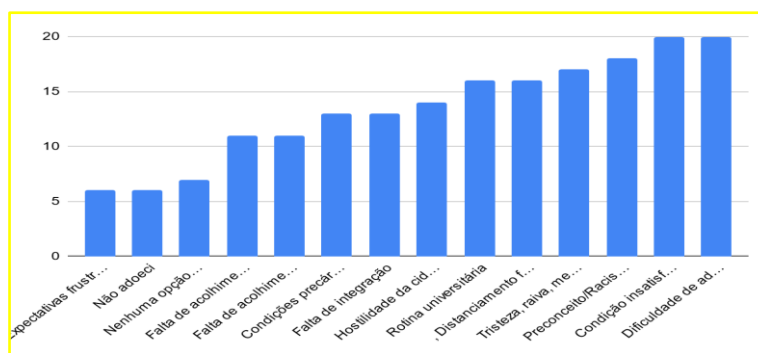
Na segunda etapa foi realizada a coleta de dados através de um questionário, mediante a técnica de preenchimento online de Google Forms, que foi distribuído aos 50 participantes via e-mail ou Link, em que constavam 21 perguntas abertas e fechadas, objetivas e subjetivas entre o mês de dezembro de 2022 a janeiro de 2023, foi encerrada a coleta de dados no mesmo mês. O convite de adesão voluntária para participar da pesquisa foi enviado aos grupos de curso que eu e a orientadora tínhamos acesso. Na terceira fase foi feita análise dos dados por meio do método indutivo, “{...}é uma ferramenta que conduz o pesquisador (a) a observar a realidade para fazer seus experimentos e tirar suas conclusões, sendo por isso um método bastante usado nas ciências em geral” (OLIVEIRA, 2007, p.50 e 51).

2. DISCUSSÃO TEÓRICA E RESULTADOS

Segundo a Organização Mundial de Saúde-OMS (1946), “a saúde é um estado de

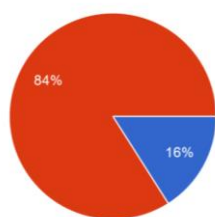
completo bem-estar físico, mental e social e não consiste apenas na ausência de doença ou de enfermidade”. Já a doença é uma condição oposta à saúde, é um estado de mal-estar que afeta o nosso organismo, desencadeado por fatores intrínsecos e extrínsecos que levam ao aparecimento dos sinais e sintomas.

Na Unilab, os fatores desencadeadores do processo de adoecimento de estudantes de nacionalidades africanas na Unilab mais citados nesta pesquisa foram: Hostilidade da cidade e pessoas da cidade (14), Rotina universitária (16), Distanciamento familiar (16), Tristeza, raiva, medo (emoções) (17), Preconceito/Racismo/Xenofobia (18), Condição insatisfatória da alimentação (20), Dificuldade de adaptação (20). Entre parênteses, o número de vezes que o fator foi citado por distintos estudantes.



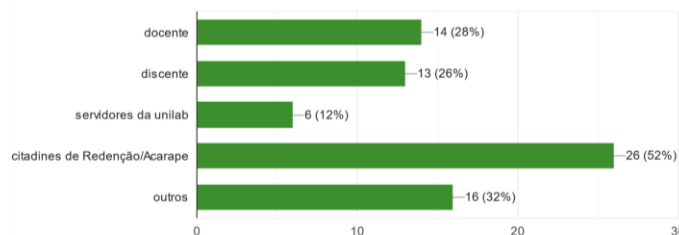
Assim, os números apontam que a categoria Preconceito/Racismo/Xenofobia (18) junto com Condição insatisfatória da alimentação (20) e Dificuldade de adaptação (20) foram as mais citadas como os fatores desencadeadores de adoecimento. No questionário, cada discente poderia marcar mais de uma opção. Quanto ao questionamento sobre terem sido vítimas do racismo/xenofobia na Unilab ou nas cidades de Redenção/Acarape, 42 (84%) discentes afirmam que sim e 16% afirmaram que não. Sendo 52% desta violência protagonizada por cidadines redencionistas/Acarapenses, 28% por parte dos docentes da unilab, 26% por parte discentes da unilab, 12% servidores da unilab e 32% marcada como outros. Nessa questão, cada colaborador/a também pode marcar mais de uma opção.

50 respostas



● Não
● Sim

50 respostas



Segundo Almeida (2019), “o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam”. No que diz respeito à xenofobia é uma intolerância às pessoas consideradas estrangeiras, forasteiras, que pode estar associado às questões étnicas, raciais, religiosas e costumes culturais. Portanto, na base da pesquisa realizada, temos a evidência nas desvantagens que racismo e xenofobia traz para o estado de saúde/doença dos estudantes de nacionalidades africanas na unilab, os relatos de experiências dos discentes e os artigos científicos encontrados em bancos de dados, vão estabelecer estas teorias.

As autoras Figueiredo, Horta e Macedo (2021) corroboram com o exposto pois afirmam que é explícito que questões relacionadas ao preconceito, às experiências migratórias e as vivências no Brasil, são fatores que atravessaram a vida desses jovens e permeiam suas permanências dentro das universidades brasileiras.

Para Mourão e Abrantes (2020, p.76, 77), em geral, as/os estudantes dos PALOP’S têm a ideia de que a vinda para o Brasil irá “abrir os seus horizontes”, sendo difícil imaginar que passarão por situações de intenso preconceito racial. Há uma ideia romantizada do Brasil como um país “racialmente cordial”, lugar da convivência harmônica entre brancos e negros, mostrando o desconhecimento sobre a realidade que, antes de sair de seus países, iriam encontrar. Entretanto, ao pisarem o solo Brasileiro, nas cidades de Redenção e Acarape percebem a força de narrativas associadas a uma “dívida do Brasil com a África” a partir da escravidão que, embora seja um discurso produzido no contexto da política nacional de afirmação de direitos, acaba por ativar estereótipos e imagens negativas sobre os estudantes africanos (seus corpos negros e locais de origem).

A maioria das pessoas que colaboraram na pesquisa são “calouras ou novatas”. 34% são recém-chegadas, com 6 meses de estadia; 22% já fez 1 ano, 4% 2 anos, 8% 3 anos, 2% 4 anos, 8% 5 anos, 4% 6 anos, 2% 7 anos e 10% mais de 7 anos. 56% é a soma de discentes que estão entre 0 e 12 meses e esse quantitativo é expressivo sobre a condição de vulnerabilidade diante da experiência de discriminação, insatisfação alimentar e dificuldade de adaptação. Estes dados evidenciam similaridade com o que a pesquisa de Ocuni Cá e Torres (2020, p.220) mostra. Os preconceitos apontados por estudantes acontecem dentro e fora dos campi universitários e ainda que outros estudantes afirmem nunca terem sofrido preconceitos, todos admitem que existe preconceito racial no Brasil.

Uma estudante guineense de enfermagem, há 6 anos vivendo no Ceará, diz no tópico do questionário que pede para que deixe registrado o que ela pensa sobre o estado de saúde das/dos estudantes internacionais da unilab, o seguinte: (Penso que é)

Extremamente preocupante, pois os fatores que induzem nosso sofrimento físico e mental dentro desta universidade e cidade são numerosos, assim sendo, é necessária mais atenção por parte da Unilab em relação a saúde dos estudantes de nacionalidades africanas.

Outra estudante, agora angolana e da administração pública, há 6 meses vivendo no Ceará, diz: “Deve-se ter mais atenção quanto aos estudantes estrangeiros em uma primeira fase, sendo que eles precisam de se adaptar e muitas das vezes acabam ficando doentes por conta da mudança de país”.

A estadia no meio sócio-cultural da cidade de Redenção e Acarape não é uma tarefa simples para quem atravessa o Atlântico e chega de outro país, principalmente quando esse país está localizado no continente africano. Segundo Mourão e Abrantes, (2020), a cidade de Redenção possui uma característica do mundo rural, sendo a maioria das famílias de agricultores. Porém com a chegada da Unilab houve fluxo alto de estudantes internacionais e nacionais de outras cidades, havendo assim grande especulação imobiliária e comércio desenvolvido, embora ainda seja uma cidade sem saneamento básico e uma boa organização da coleta de lixo. Acarape é semelhante a Redenção, só um pouco menos desenvolvida com relação ao comércio, infraestrutura e moradia.

O que preocupa um estudante angolano de química, que vive há 6 meses nos arredores da Unilab, sobre o estado de saúde e doença de pessoas africanas na Unilab é: “... o seu estado emocional, que com o distanciamento da família e da falta de integração dos discentes da instituição tem afetado bastante, sabendo que a cidade tanto de Redenção como Acarape sendo bastantes monótonas{...}. Já outra estudante guineense, do curso de administração e com 1 ano de estadia na Unilab, afirma que os fatores que adoecem “tem haver com falta de sono, as demandas da universidade, isto é, as atividades de casa e em outros. Enquanto enfatiza a estudante angolana de enfermagem que é: {...} abalo psicológico e emocional.

Segundo Mourão e Abrantes (2020), ao começamos a olhar e buscar maior compreensão em relação a situação cultural, violenta e desigual que estudantes internacionais no Ceará na atualidade estão enfrentando, podemos perceber amplamente os desafios colocados a esses jovens desde a chegada, para integrar numa política brasileira de internacionalização e interiorização das instituições de ensino.

Eu penso que cada estudante internacional na UNILAB acarreta algum tipo de doença, seja ela física ou mental, {...} porque a gente vem de nossos países e encontramos aqui um estilo de vida muito monótono (Como se estivéssemos presos) sem muitas opções de lazer ou atividades lúdicas que possam estimular o estudante ou tirá-lo um pouco do ambiente acadêmico. (Estudante angolano, do curso de engenharia de energias)

Este sentimento de estar na gaiola, aprisionadas numa cidade como Redenção e Acarape, com poucas opções de lazer, e cerceadas por manifestações que refletem a xenofobia, pois, as “imagens estereotipadas sobre a África são frequentemente acessadas nos discursos e contribuem para manter distância, desqualificar comportamentos ou mesmo oportunizar uma expressão violenta e constrangedora nas interações”. (MOURÃO e ABRANTES, 2020, p. 66). É comum, quando jovens universitárias/os, de nacionalidades africanas, se reúnem para o lazer, serem empanturrados de preconceitos e estereótipos. Qualquer tentativa de distração e divertimento promove incômodo à população local, e logo a polícia é acionada.

Mourão e Abrantes (2020, p.74) também falam sobre isso no artigo consultado para esse diálogo. Aconteceu com um discente cabo-verdiano, quando {...} um dia, após chegar da aula noturna, estava conversando com as amigas em casa antes de irem dormir, e ouviram a vizinha gritar: “Africanos, africanos! Bora dormir!”. Para as pesquisadoras, “A referência às estudantes pelo continente de origem, por meio do convite da vizinha ao sono, se relacionava ao silenciamento de pessoas que não pertencem àquele local.”

Ainda neste mesmo estudo (2020, p. 75 e 76), outra cabo-verdiana relatou que estavam a fazer uma festa de comemoração de aniversário quando apareceu um senhor de 60 e 65 anos à frente do prédio gritando “Vocês vêm pra cá só pra fazer putaria, abaixa esse som! Nós é que mandamos aqui, Redenção é nosso, não é de vocês. Vão se foder! Africanos de merda! Voltem de onde vieram!”. Estes relatos são uma amostra da dificuldade de adaptação, da falta de integração, da hostilidade da cidade e das pessoas da cidade, e principalmente, uma amostra do racismo e da xenofobia que prejudica, inclusive, o acesso aos serviços de saúde.

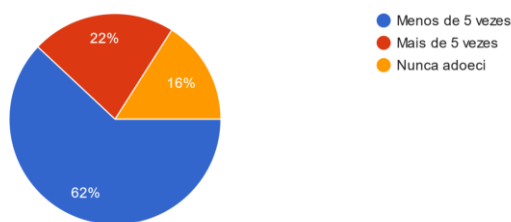
Vejamos o relato de uma estudante são-tomense, do curso de engenharia de energias, vivendo há mais de sete anos na Unilab, em relação ao processo de atendimento nos serviços de saúde:

Muito precário o atendimento aos africanos na cidade de Redenção e Acarape. Ao ponto que existem muitos aqui com depressão e ansiedade por conta dessa rotina universitária, sem falar em doenças estomacais e gastrointestinais por conta da alimentação. Todo ser humano precisa de lazer e a unilab não oferece nada disso, e nem a cidade.

A pesquisa de Liberato Filho et al (2019, p.p.244 e 245), que investiga os processos de adaptações de imigrantes no Ceará, aponta que as/os estudantes sabem e evidenciam uma diversidade de fatores sócio-culturais que afetam a própria saúde mental e adoecimento físico. As experiências suportadas, muitas das vezes servem de barreiras de autopreservação. Para o grupo de autores supracitados, estes fatores podem desencadear situações de isolamento, estresse, ansiedade, depressão, conflito, exclusão e doença, afetando o bem-estar e a qualidade de vida e levando-os a ter dificuldade de acesso aos cuidados de saúde e à prevenção, a reivindicação dos seus direitos e o exercício de cidadania.

Aqui, quando discentes foram perguntados quantas vezes adoeceram desde que saiu do seu país de origem para estudar na UNILAB, maioria responderam que sim, adoeceram (42 pessoas), destes, 62% adoeceu menos de cinco vezes e 22% adoeceu mais de cinco vezes 22%. Os demais, 16% afirmaram nunca terem adoecido desde que chegaram.

Desde que saiu do seu país de origem para estudar na UNILAB, já adoeceu alguma vez?
50 respostas



Quando a pergunta foi direcionada para a compreensão de qual dimensão do corpo a doença mais afetou, 40% reconheceram o comprometimento do estado físico e 6% afirmaram ter o comprometimento do mental/psíquico. 36% foi o quantitativo daquelas/es que evidenciaram perceber o adoecimento afetou ambos estados, físico/psíquico. Vejamos uma afirmação da estudante moçambicana, do curso de farmácia, há seis meses na Unilab: “o estado de saúde dos estudantes aqui é péssimo, pois nas unidades sanitárias o atendimento é péssimo, alguns são racistas com os estudantes internacionais”. Outra, agora guineense e do curso de enfermagem, vivendo há mais de sete anos na Unilab, partilha da mesma percepção e diz:

a maioria está numa situação de saúde muito precária. A Gente sofre muita pressão da universidade, (...) racismo pelos nossos professores, pelos alunos nacionais que acham que nós não somos capazes de nada, pelas instituições de saúde, a população de cidade que muitas das vezes dizem que nós estamos aqui beneficiando dos auxílios da Unilab e tudo isso acaba influenciando o nosso estado de saúde.

68% que afirmaram ter procurado ajuda dos profissionais de saúde, tiveram os seguintes diagnósticos: Problemas com a pressão arterial e fortes dores no pulso, distúrbios estomacais, anemia, desidratação, infecção urinária, piora de doenças crônicas já existentes como: bronquite, sinusite e outras. Miopia, mioma, crise psicótica, ansiedade, epilepsia, gripe, furúnculo nas axilas, edema e abscesso pelo corpo, torcicolo, Chikungunya, alta temperatura corporal (não é febre), colesterol alto, vitamina D baixo. Dentre os que não obtiveram diagnóstico após ter procurado o profissional de saúde, temos os seguintes relatos: estudante angolano, do curso de engenharias de energias, com dois anos na Unilab afirma que: “Eles nunca dão diagnóstico, apenas injeção e mandam-te para casa.” Da mesma forma relata estudante do curso de Química, vivendo há seis meses na cidade que: “apenas deram a medicação após explicar os sintomas.” Estudante angolana de enfermagem com três anos de estadia diz que: “Nunca chegamos a um diagnóstico porque a fila do SUS é muito grande.” Enquanto a outra estudante angolana de letras vivendo há um ano no ceará declara: “*Nunca soube.*” Estudante angolano de enfermagem vivendo há um ano em redenção discorre que o atendimento é: “Péssimo, fui mal atendido pelos profissionais de saúde de redenção.”

32% declararam não procurar ajuda médica e/ou hospitalar. O que é possível inferir, pelos números e relatos apresentados na tabela abaixo, que se trata da falta de confiança no sistema de saúde de Redenção e Acarape. Quando perguntado quais sintomas se apresentavam como característica de doença, obtivemos as seguintes respostas, com fator “dor” em alta recorrência: dor de cabeça, dor intestinal, dor de estômago, dor pélvica, dor nos olhos, dor nos ossos, febre, mal-estar, insônia, stress, falta de apetite, emagrecimento, tristeza, medo, ansiedade, gripe, tosse. As razões apresentadas para não procurarem ajuda especializada nos postos de saúde e de emergência, foram:

Por que optou não procurar auxílio médico ou enfermeiro/hospital/posto?
Daria o mesmo, ficando em casa com ir para lá. Atendimento péssimo.
Devido à má qualidade de atendimento dos funcionários e profissionais da saúde
Falta de interesse
Negligência da minha parte.
O atendimento é muito demorado, segundo estudantes veteranos.
Pois, achava que eram sintomas normais. Por isso, não procurei auxílio médico.
Porque a consulta demora 30 dias para ser realizada.
Porque acreditei que ia melhorar
Porque adoeço várias vezes por ano, por eu conhecer bem os tratamentos para isto logo que sinto vou na farmácia e compro os tratamentos.
Porque geralmente alguém quando sente dor de cabeça já sabe o diagnóstico

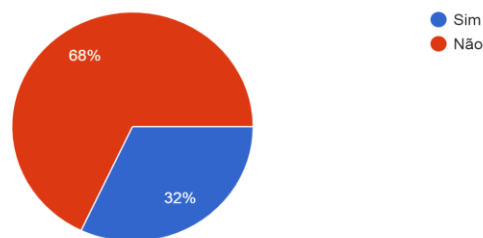
Porque o atendimento é péssimo, quando se trata de estrangeiros e negros

Porque ouvi dizer por amigos que o atendimento aqui não é muito bom

A dolorosa afirmação de uma estudante angolana, do curso de humanidades, vivendo há 6 meses na cidade, expõe o quanto a hostilidade de tratamento dado a pessoas africanas nos serviços de saúde é grave: “Muito péssimo, horrível, somos desprezados e tratados como lixo”. Outro, do curso de química, com seis meses de estadia denuncia: “O SUS não presta a atenção na saúde dos internacionais, não disponibilizam medicação para os africanos preferem mentir que não tem”.

Não confiar no sistema de saúde quando precisa dele é grave e pode colocar em risco a vida de estudantes que ao adoecerem não procuram os serviços de saúde especializados. O que foi o caso de 34 discentes que responderam ao questionário.

Procurou outros tipos de ajuda ou orientação (não médica/hospitalar)?
50 respostas



O desprezo em relação a integridade da saúde dos estudantes de nacionalidades africanas na unilab, estimulou ainda mais a insegurança e o grau de desconfiança relação ao atendimento precário nas cidades, no qual recentemente levou ao falecimento de uma estudante angolana, Wilma Maria Lourenço Cassembe, do Curso de Humanidades, recém-chegada. Este declínio viabiliza o quão perigoso é procurar ajuda nos centros de saúde. Sobre isso e ainda em relação a prestação de serviço de saúde declara outra estudante angolana de agronomia vivendo há três anos no Ceará que é: “Precário, {...} Porque o atendimento nos centros de saúde da cidade é diferenciado (negativamente) para nós. Minha amiga morreu por negligência médica em um dos centros da cidade”.

Figueiredo, Horta e Macedo (2021, p. 6) nos ajudam a refletir com a afirmação de que “As relações de poder e dominação entre diferentes grupos que compartilham o mesmo lugar social, atravessadas por práticas de discriminação e exclusão, repercutem em sofrimento, de diferentes formas.” O sofrimento diante da situação de adoecer e não ser respeitosamente

atendida/o é uma categoria explícita nos dados. A fala de um estudante angolano, do curso de engenharia de alimentos, com um ano de estadia na Unilab, sublinha o que vem sendo dito:

Nós estudantes africanos na Unilab somos maltratados em muitos hospitais, sobretudo o de Redenção e de Acarape. {...} não importa o tipo de sintoma que o mesmo apresenta, orientam sem fazer análise, isso já levou uma colega e irmã que hoje é falecida, a medicar com medicamentos impróprios da Doença que ela apresentava{...}.

O processo adaptativo no contexto da Unilab se dá em meio a desigualdade racial, étnica e de classe, e é uma tarefa quase impossível para muitos estudantes africanos, pois dentro da trajetória universitária e fora dela, existe aglomerado de fatores que levam o adoecimento devido estas desconformidades. As diferentes formas de sofrimento que atravessam os estudantes na Unilab é extrema preocupação, sendo que alguns já faleceram por esta questão. E a música, utilizada por mim para cura, também é uma das estratégias de enfrentamento utilizadas para lidar com sofrimentos mentais e físicos.

Para Munoz, Santos e Oliveira (2018, p. 29), o regime de segregação no Brasil, nunca foi concretizado oficialmente mas, a desigualdade racial, no que se refere ao acesso ao mercado de trabalho, à saúde e à educação, tem tido graves consequências para a população negra brasileira. E igualmente, afrontam os estudantes negros africanos ao chegarem no Brasil para fins estudantis, desde a educação, acessibilidade dos serviços de saúde e no momento da seleção de emprego. Estes sofrimentos de causas distintas possuem, como apontam Liberato Filho *et al* (2019, P.244) “{...} fortes condicionantes da qualidade de vida em geral e dos imigrantes em particular. Uma baixa qualidade alimentar quase sempre motivada por dificuldades econômicas, propiciadoras de alterações metabólicas, déficit de seguimento médico fazem deste coletivo um grupo de risco sanitário importante.”

Sobre o estado de saúde dos estudantes internacionais eu quero dizer que é péssimo, isso porque a gente sofre racismo desde a sala de aula até no bairro em que a gente vive. Nos supermercados, etc... Não sei nos outros cursos mais no curso de enfermagem isso tem sido frequente da parte dos docentes, e notório a seleção que eles fazem e a forma como atendem os estudantes africanos. A gente já é adulto e sabe muito bem identificar atos racistas, e o que a gente faz é fingir que nada aconteceu ou está acontecendo porque se a gente falar vai ser mal vista pelo docente que por sua vez vai falar para outros professores {...} Fingem estar com a gente mas é tudo uma farsa cambada de falsos. Os estudantes internacionais ao invés de ligar com a sua vida acadêmica e a distância da família tem que ficar pensando no ato racista dos moradores, professores, colegas e etc. grifo meu (estudante angolana de enfermagem vivendo há seis meses na unilab)

As situações de preconceito e discriminação racial que permeiam a sociedade brasileira, inclusive a cearense, tem adentrando às IES públicas e particulares, verificando-se diversos casos de racismo sofridos contra estudantes africanos por parte de professores, colegas e corpo técnico administrativo. Entretanto, mesmo denunciando tais situações de racismo e abrindo Boletins de Ocorrência (BO) nas delegacias da cidade, tais situações continuam acontecendo e aumentando. (LIBERATO FILHO et al 2019, p.245).

Segundo Figueiredo, Horta e Macedo (2021), é possível observar que as diferenças raciais ainda são tratadas em nosso país e em nossas universidades não apenas como diferenças, e sim com desigualdades, implicando em um cenário de exclusão no qual as pessoas possuem pouca competência cultural para lidar com o diferente. Para alguns discentes que responderam o questionário, a universidade precisa assumir a responsabilidade sobre alguns fatores causadores do adoecimento físico e mental.

{...}acho que a UNILAB enquanto uma instituição federal, poderia melhorar nesses aspectos, trazendo pelo menos 3 vezes por mês especialistas das diferentes áreas da saúde como forma de diminuir esse índice de pessoas sem saber por concreto a sua situação em termos de saúde. {...} o serviço CAIS da UNILAB é inoperante e ajuda em nada os Internacionais, pude ver uma colega minha que teve uma crise na sala de aulas em Auroras e destaquei 2 pontos, o CAIS quase q fica sem pessoas para atender, mas foi lá um Senhor atendê-la {...}sem ter nenhum aparelho, nem sequer tinha como a medir pressão nem nada, {...}para a Moça ir ao Hospital demorou mais que 40 minutos para conseguirmos um transporte de Liberdade, se o caso complicasse não sei o que seria da Miúda. (Um estudante são-tomense de enfermagem com um ano de estadia)

Outra estudante, angolana, do curso de humanidades, vivendo há seis meses nos municípios, também expressa o que acredita ser o papel da Unilab:

{...} a universidade deveria investir mais na saúde dos estudantes falo por experiência própria...A falta de um bom atendimento médico tem causado a perda de alguns estudantes Africanos, parem de estar indiferentes à saúde dos estudantes. Tenha mais empatia, o que isso hein?? Parece que a vida é algo sem importância, cuidem mais dos filhos alheios que trazem para a unilab...que sejam mais responsáveis e rígidos com a saúde estudantil, até porque sem saúde não haverá participação nas aulas.

Portanto, considerando o que diz respeito à procura de ajuda para suas condições de saúde/doença, a maioria dos estudantes (68%), como vimos, procuram ajuda médica e de enfermagem nos hospitais e postos da cidade, assim como na Unilab, motivo pelo qual 50% destes utilizam remédios prescritos pelos profissionais de saúde. Mas, o relato da maioria é a insatisfação com o processo de acolhimento, a hostilidade e a demora para realização dos atendimentos, exames e encaminhamentos para especialistas que indagam estar relacionado a

xenofobia e racismo. Preconceito e discriminação geram sofrimento e produzem prejuízos que vão desde a baixa autoestima até a narcotização e transtornos psiquiátricos. Por conseguinte, constituem forma de violência que vulnerabilizam as possibilidades de bem viver de uma pessoa. (MUNOZ; SANTOS; OLIVEIRA, 2018, p. 36).

Por estas razões, diversos estudantes utilizam outras condutas para lidar e aliviar seu estado de saúde/doença ao em vez de procurar ajuda nestes estabelecimentos: (18) 36% destes se automedicam; (23) 46% preferem praticar atividades físicas, (15) 30% utilizam música para lidar com o processo de adoecimento, (8) 16% preferem ir para festas, (7) 14% dançar, (4) 8% fazem consumo de cigarro, (3) 6% ingestão de bebidas alcoólicas e outros (3) 6% declara fumar Lyamba/maconha, (1) 2% declara não utilizar nada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa objetivou compreender o adoecimento físico e mental de estudantes de nacionalidades africanas na Unilab durante o período do curso buscando analisar os fatores relacionados à condição de saúde/doença, assim como as condutas utilizadas para lidar com este processo. Sendo assim, foi evidenciado a falta de confiança dos estudantes internacionais em relação ao atendimento precário nos sistemas de saúde da cidade Redenção e Acarape, em função de todo racismo/xenofobia sofrida. Pois os estudantes além de lidar com a sua vida acadêmica e a distância da família tem que ficar pensando no ato racista dos moradores, professores, colegas, etc.

Apesar dessa desconfiança, diversos estudantes optam por procurar ajuda profissional, sendo que 50% destes utilizam remédios prescritos da doença. Entretanto, evidencia o quadro da doença mais comum entre os estudantes de nacionalidades africanas o fator “dor” em alta recorrência: dor (de cabeça, intestinal, estômago, pélvica, nos olhos e ossos), contudo febre, mal-estar, insônia, stress, falta de apetite, emagrecimento, tristeza, medo, ansiedade, gripe, tosse também foram citados, em menor repetição.

Apesar do questionário não ter nenhum levantamento de dados sobre condição “saúde” exceto quando os estudantes foram perguntados sobre condutas utilizadas para obtenção deste quadro. Considera-se que a maioria possui percepção dos seus quadros de saúde/doença apresentados, muitos procuram ajuda e outros preferem utilizar outras estratégias de enfrentamento do prejuízo da saúde. Deste modo, para alguns discentes que responderam o questionário, a universidade precisa assumir a responsabilidade sobre alguns fatores causadores do adoecimento físico e mental, a unilab por ser universidade internacional, deve pensar em políticas que facilita o processo adaptativo dos estudantes de nacionalidades africanas recém

chegados e veteranos, promovendo integração multicultural, assim como atividades anti racistas que estimulem a denúncia e punição desses atos, com intuito de prevenir adoecimento dos estudantes e promover a saúde.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural** (Feminismos Plurais). São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2019.

ARBUÉS, Enrique Ramón et al. **Prevalência de Depressão, Ansiedade e Estresse e Seus Fatores Associados em Estudantes Universitários**. Int. J. Ambiente. Res. Saúde Pública, 2020.

BRASIL, Ministério da saúde. **Portaria nº849, de 27 de março de 2017**. inclui a Arteterapia, ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga a política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares, Brasília: Ministério de saúde, 2017. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt0849_28_03_2017.html> acesso em 21 de dezembro de 2022.

CALAMASSI, Diletta; POMPONI, Gian Paolo. **Music tuned to 440 hz versus 432 hz and the health effects: A double-blind cross-over pilot study**. Florença, Itália, July/August 2019, Vol. 15, nº. 4.

FIGUEIREDO, Denise Miranda; HORTA, Ana Lucia Moraes; MACEDO, Rosa Maria Stefanini. **A desigualdade sentida na migração de estudantes universitários provenientes do continente africano**. Doxa: Rev. Doxa: Rev. Bras. Psico. e Educ., Araraquara, v. 22, n. 00, 2021.

LIBERATO FILHO, Geraldo Flamarion da Ponte; SANTOS, Zélia Maria de Sousa Araújo; CALDAS, José Manuel Peixoto; JARDIM, Maria Helena de Agrela Gonçalves; CAPELO, Maria Regina Teixeira Ferreira; SANTOS, Paula Dayanna Sousa dos. **Estudantes africanas imigrantes no Ceará – análise do processo adaptativo**. Revista Psicologia, Diversidade e Saúde. Salvador. v. 8, n. 2, p.240-248. julho/2019.

MALOMALO, Basílele: **Repensar o multiculturalismo e o desenvolvimento no Brasil: políticas públicas de ações afirmativas para a população negra (1995-2009)**. Araraquara – SP, 2010.

MOURÃO, Daniele Ellery; ABRANTES, Carla Susana Alem. **Estudantes Africanos dos PALOP em Redenção, Ceará, Brasil**. *MEDIAÇÕES*, Londrina, v. 25, n. 1, p. 64-81, jan-abr. 2020.

MUNOZ, Bruna Lanzoni; OLIVEIRA, Gisela Lays dos Santos; SANTOS, ALESSANDRO DE OLIVEIRA. **Mulheres negras acadêmicas: preconceito, discriminação e estratégias de enfrentamento em uma universidade pública do Brasil**. *Interfaces Brasil/Canadá*. Florianópolis/Pelotas/São Paulo, v. 18, n. 3, p. 28-41, 2018.

OCUNI CÁ, Cristina Mandau; TORRES, Antonia Lis De Maria Martins. **O racismo na perspectiva dos acadêmicos africanos**. *Revista Espaço Acadêmico*, v.20, n.222, p.213-224, maio.jun./2020.

OLIVEIRA, Maria Marli de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis-RJ: Editora vozes, 2007.

Organização Mundial da Saúde. **Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO)**–22 de julho de 1946. Citado no dia 27 de Dez de 2022. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5733496/mod_resource/content/0/Constitui%C3%A7%C3%A3o%20da%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Mundial%20da%20Sa%C3%BAde%20%28WHO%29%20-%201946%20-%20OMS.pdf> acesso 24 de dezembro de 2022.

SILVA-FERREIRA, Alisson Vinicius; MARTINS-BORGES, Lucienne; WILLECKE, Thiago Guedes. **Internacionalização do ensino superior e os impactos da imigração na saúde mental de estudantes internacionais**. *Avaliação*, Campinas; Sorocaba, SP, v. 24, n. 03, p. 594-614, nov. 2019.